

A FIGURAÇÃO DA MORTE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM TEMPOS DE PANDEMIA: "APORTAR PARA O DESCANSO", DE PAULO ANDRÉ VIANA

THE FIGURATION OF DEATH IN CONTEMPORARY
BRAZILIAN LITERATURE IN TIMES OF PANDEMIC:
"APORTAR PARA O DESCANSO", BY PAULO ANDRÉ
VIANA

Maria Eduarda Oliveira de Souza (UENP)
0000-0001-5324-6782



Vanderléia da Silva Oliveira (UENP)
0000-0001-6784-8274



Como citar: SOUZA, M. E. O. de; OLIVEIRA, V. da. A figuração da morte na literatura brasileira contemporânea em tempos de pandemia: "Aportar para o descanso", de Paulo André Viana. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 14, n. 1, p. 170-185, set.-dez. 2025.

doi: 10.47295/mren.v14i1.1673
recebido em 01/02/2024 – aprovado em 20/02/2025



Resumo

Este artigo analisa o conto “Aportar para o descanso”, de Paulo André Viana, publicado no volume um da coletânea *Contos da Quarentena* (2020), abordando-se a figuração da morte no contexto da pandemia da Covid-19 e a presença do trágico na narrativa. O estudo constitui uma parcela integrante das investigações realizadas no âmbito do subprojeto de pesquisa em nível de Iniciação Científica (2022-2023) *Literatura e Pandemia: um olhar sobre a produção literária contemporânea*, custeado pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA), que tem por objetivo contribuir para o estudo do campo da produção literária contemporânea, ao analisar como se resultou a figuração da pandemia de Covid-19 nos textos literários publicados no período de 2020 a 2023. Baseado em pesquisa bibliográfica, este estudo ancora-se nas fundamentações teóricas de Brandileone (2013; 2021) e Resende (2008; 2014) acerca da literatura contemporânea brasileira; em Williams (2002), quanto às noções de trágico; e em pensadores da esfera sociológica e filosófica como Harari (2020), Žižek (2020) e Zakaria (2021) relativo à pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Pandemia da Covid-19. Produção Literária Contemporânea. Trágico. “Aportar para o descanso”.

Abstract

This paper analyzes the short story “Aportar para o descanso”, by Paulo André Viana, published in volume one of the collection *Contos da Quarentena* (2020), addressing the figuration of death in the context of the Covid-19 pandemic and the presence of the tragic in the narrative. The study constitutes an integral part of the investigations carried out in the scope of the research subproject at the level of Scientific Initiation (2022-2023) *Literature and Pandemic: a look at contemporary literary production*, funded by the Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (Araucaria Foundation for Support to Scientific and Technological Development of the State of Paraná) (FA), which aims to contribute to the study of the field of contemporary literary production, by analyzing how the Covid-19 pandemic was figured in literary texts published in the period from 2020 to 2023. Based on bibliographical research, this study is anchored in the theoretical foundations of Brandileone (2013; 2021) and Resende (2008; 2014) about contemporary Brazilian literature; in Williams (2002), regarding the concepts of the tragic; and in thinkers from the sociological and philosophical spheres such as Harari (2020), Žižek (2020) and Zakaria (2021) concerning the Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid-19 Pandemic. Contemporary Literary Production. Tragic. “Aportar para o descanso”.

INTRODUÇÃO

Da morte e do horror surgiram a ciência, a modernidade e o crescimento. [...] Mas poderia a pandemia de nossa era provocar um espírito similar de introspecção social, um impacto de igual dimensão em nossa complacência?

Fareed Zakaria (2021)

A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Observando-se a vasta discussão a respeito da pandemia de Covid-19 sob a ótica de diversos especialistas em todo o mundo, identifica-se essa problemática como foco de análise no campo biológico, sanitário, econômico, político, social e cultural; o que exige, segundo Birman (2021, p. 55), “[...] uma leitura interdisciplinar, para que se possa dar conta de sua especificidade e complexidade, de maneira conjugada”.

Nessa perspectiva, ao direcionar o olhar às consequências sociais que decorreram da pandemia, como a quarentena e o isolamento social, estabelecendo que as pessoas ficassem reclusas em suas casas, observa-se uma vasta ampliação da produção literária e o aparecimento de novos escritores, o que revelou que “No caso da literatura, ela tem buscado, desde os primeiros dias de isolamento, investigar e interpretar essa nova configuração da realidade que surgiu de forma tão imediata e chocante” (Brandileone, 2021, p. 33).

Por outro lado, percebe-se certa lacuna na crítica contemporânea no que se refere a um diagnóstico das produções que retratam esse período de crise. Em virtude desse contexto, é que se justifica o projeto de pesquisa intitulado *Literatura Brasileira Contemporânea em Tempos de Pandemia*, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Crítica e Recepção Literária – CRELIT, que comporta pesquisas no âmbito de Iniciação Científica (IC) como a que se vincula este texto. Compondo, portanto, parte das investigações do projeto de IC (2022-2023) *Literatura e Pandemia: um olhar sobre a produção literária contemporânea* financiado pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA), este artigo objetiva analisar o conto “Aportar para o descanso”, de Paulo André Viana (2020), tendo

em vista a figuração da morte e do trágico na literatura contemporânea brasileira, mobilizada pela pandemia de Covid-19.

Considerando-se que a literatura na contemporaneidade “[...] deixa de pensar apenas a realidade constituinte do texto, para pensar a realidade do cotidiano, a realidade do presente em que vivemos” (Brandileone, 2013, p. 22), pode-se compreender que formou-se um elo entre o contexto pandêmico e a urgência dos escritores em representar o real; característica essa que Beatriz Resende (2008, p. 26-27) intitula de presentificação: “[...] a manifestação explícita de um presente dominante no momento de descrença nas utopias que remeteram ao futuro [...]”. No entanto, um real marcado pela tragicidade referente ao contexto, o que leva, consequentemente, a obras que figuram esse aspecto também caracterizante da literatura contemporânea brasileira segundo Beatriz Resende (2008) – o *páthos* trágico.

A manifestação de forte sentimento trágico que aparece na prosa pode se reunir ao sentimento de presente de que já falei, já que nas narrativas fortemente marcadas pelo *páthos* trágico a força recai sobre o momento imediato, presente, em textos que tomam o lugar de formas narrativas que se tornam pouco frequentes, como as históricas, as épicas ou as que se desenvolvem em um tempo mítico/fantástico de temporalidade indefinida (Resende, 2008, p. 29-30).

Sob essa perspectiva, apresenta-se uma narrativa que se entrelaça com a noção de trágico postulado por Resende (2008), ao figurar a morte não apenas no sentido simbólico, mas personificando-a, transformando-a em personagem sob o seu encargo de “aportar” – carregar/conduzir – pessoas ao “descanso”.

A VOZ DA MORTE: APORTAR PARA O DESCANSO

Muitas vezes denominada na ficção sob a imagem de um “ceifador” ou como “anjo da morte”; na literatura grega, conhecida como “Thanatos”; Azrael, nas tradições judaicas e islâmicas e, em hebraico, nomeada como “Malach HaMavet”, a concepção de uma entidade que representa ou auxilia a passagem da vida para a morte perdura em diversas culturas ao longo da história, desde os primórdios da humanidade.

Tradicionalmente, a representação dessa figura denota um ente espiritual encarregado de conduzir a passagem da vida das pessoas quando o seu ciclo terreno chega ao término ou de estar presente no momento do falecimento, guiando as almas na transição para o reino dos

mortos. Sabendo, dessa maneira, que os símbolos ou entes associados à morte refletem as distintas abordagens que comunidades e civilizações possuem a respeito desse tema, ficcional ou não da existência, o conto “Aportar para o descanso”, de Paulo André Viana, reproduz o diálogo entre uma pessoa possivelmente infectada pela Covid-19 e a representação da morte, que vem buscá-la, sendo aquele que realiza a passagem da personagem do conto para o “descanso”.

Concebida como uma narrativa que deságua em traços formais do texto dramático, “O diálogo substitui a intromissão da instância narrativa [...]” (Pascolati, 2005, p. 103), pois é predominantemente constituído por cenas “[...] e por uma certa tendência dramatizada, [...] o que naturalmente implica que o narrador desapareça total ou parcialmente da cena do discurso” (Reis e Lopes, 1988, p. 233). A trama narrativa, por sua vez, é marcada por uma intriga que “[...] diz respeito ao conflito de interesses que caracteriza a luta dos personagens [...]” (Franco Junior, 2005, p. 36). Conforme postula Ball (1999, p. 89 *apud* Pascolati, 2005, p. 103), “O primeiro passo para penetrar na personagem é descobrir: (1) o que a personagem quer; (2) o que se antepõe à caminhada da personagem (obstáculo); (3) o que a personagem faz ou está disposta a fazer para conseguir o que quer”.

A partir da análise desse elemento estrutural, temos, neste conto, a personagem que figura a morte tentando cumprir a função para a qual foi designada: realizar a passagem dos vivos para o outro plano: “– Venha comigo, não precisará fazer mais nada. Descanso eterno” (Viana, 2020, p. 83); por outro ângulo, a personagem que irá sofrer essa ação resiste: “– Acho que você nunca ficou numa quarentena. Sua proposta é indecente” (Viana, 2020, p. 83). Dessa forma, observamos que ao longo da diegese cada personagem, por meio do discurso direto, empenha-se ao máximo em preservar suas decisões, reveladoras de seus papéis sociais. Uma delas, representa o respeito às regras postas durante esse período de pandemia de Covid-19, como o isolamento social e a quarentena e, em último caso, que deseja permanecer viva: “[...] – Prefiro a complexidade terrestre. Lutamos contra o invisível e o tempo” (Viana, 2020, p. 84); enquanto a outra, representação da morte, bate à porta da primeira, com a intenção de tirá-la de casa, o que significa, em última instância, a concretização de sua missão que é a de realizar a passagem dessa personagem a outro plano, resultando na solidificação do conflito de interesses de cada personagem, considerando que ambas possuem objetivos distintos e, desencadeando, por fim, o conflito dramático que permeia a narrativa.

– Já vai! Quem é você? Como entrou aqui?

- Chegou sua hora.
- Hora? Não combinei nada com você. Nem recebo visitas e nem saio de casa, só por necessidade.
- Isso não impede minha visita
(Viana, 2020, p 81).

As perspectivas opostas das personagens, as quais estabelecem o conflito dramático “[1] – Desculpa: #ficaemcasa. – [2] Desculpa: #chegousuahora” (Viana, 2020, p. 81), quando descompostas, refletem as duas unidades temáticas que a narrativa aborda: vida e morte, simbolizadas pelo “ficar em casa” e o “sair de casa”, “permanecer vivo” e “ir em direção ao descanso”. Retratando um momento pandêmico, é posta a caracterização de um comportamento que segue as convenções/regras estabelecidas pela sociedade para sobreviver a esse período, bem como uma tentativa de resistir à morte; e, sob outro prisma, a entidade que simboliza a transição da vida para a morte e que se encarrega de visitar e levar consigo as almas.

Criando-se um elo entre essas unidades, a história convida a uma reflexão acerca da única certeza que permeia nossas existências, promovendo a consciência de que, independentemente de quão meticulosamente cuidamos de nossa vida e saúde, todos nós permanecemos vulneráveis à inevitabilidade da morte, principalmente em momentos de crises sanitárias.

- Estou tomando todos os cuidados necessários. [...] Sigo as orientações médicas dos jornais, rádio, tv, facebook, twitter, instagram, whatsapp para higiene das mãos e objetos e alimentos e também a limpeza do carro e da casa e patas dos cachorros numa rotina diária com ocupações para o dia, tarde e noite (Viana, 2020, p. 82).

Face às adversidades, nossas vidas estão sujeitas às incertezas que a mortalidade impõe. A propósito, no terceiro capítulo de seu livro, Žižek (2020) relaciona o esquema dos cinco estágios que descrevem nossas reações diante de uma perda pessoal catastrófica (teoria de Elisabeth Kübler-Ross) e a maneira como enfrentamos a pandemia do coronavírus. Desses estágios, é possível identificar, pelo menos, três deles expressos no conto pela personagem que fica diante da figura da morte. O estágio da negação é predominante em quase toda a narrativa e refere-se ao elemento que configura o ambiente da história, considerando-se que, a todo momento, a personagem é resistente em ser levada para “fora de casa” – em última instância, ela resiste em morrer: “– [...] Seu tempo está acabando. – Engano seu. O dia ainda nem começou direito. Hoje eu tenho muito tempo para viver” (Viana, 2020, p. 83).

O segundo estágio, que se caracteriza pela manifestação do sentimento de raiva, é perceptível ao analisarmos a reação da personagem diante da indignação que surge ao perceber que, de todas as pessoas, foi justamente ela – aquela que seguiu todas as medidas essenciais para prevenir a infecção e a disseminação do vírus – a “escolhida” para “partir para o descanso”: “[...] – Muitos ignoram o confinamento, relaxam nos cuidados, grupinhos nas ruas, festinhas, praias, passeios. E vem me tentar para sair de casa com você. Não é justo” (Viana, 2020, p. 84). Nessa perspectiva, sendo analisada, por fim, pela fase da negociação, a personagem propõe um acordo com a morte: “[...] – Quando não houver ninguém mais desafiando você, me procure, quem sabe entramos num acordo” (Viana, 2020, p. 84).

A negação, constituindo o sentimento predominante da personagem que está perante a morte, também pode ser analisada diante da perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud, quando este trata dos mecanismos de defesa que acionamos inconscientemente para atenuarmos os fatos, “[...] de modo a distorcer a realidade, pois, de outra forma, seu enfrentamento poderia ser doloroso” (*apud* Piletti e Rossato, 2017). Acionando, então, o mecanismo de defesa da negação, a personagem se recusa a reconhecer esse fato desagradável do mundo externo – sua proximidade com a morte. A fim de se proteger dessa angústia, ela tenta se afastar dessa realidade dolorosa, reprimindo-a, não aceitando-a com facilidade; logo, essa negação provoca um obstáculo à figura representativa da morte.

A defensiva da personagem pode também ser identificada nos trechos em que ela expressa os motivos por não querer partir. Primeiramente, ela justifica sua escolha contrária à partida, alegando o desejo de não querer abandonar pessoas as quais ela quer bem: “– Não posso. Pessoas dependem de mim. Abandoná-las? Não teriam um descanso confortável” (Viana, 2020, p. 85). Mais tarde, ela declara que tem preferência pela incerteza cotidiana em detrimento do desconhecido repouso proposto pelo personagem figurativo da morte: “– No momento estou muito bem. [...] Quero apenas continuar meu dia. Prefiro a incerteza diária do que o seu desconhecido descanso oferecido” (Viana, 2020, p. 85, grifo nosso). Em “Carta Aberta”, outro conto que compõe a coletânea *Contos da Quarentena* (2020), o vírus questiona o porquê de os humanos quererem viver, pois, em sua visão, a vida é constituída de sofrimento inevitável; em “Aportar para o descanso”, a personagem, infectada pelo vírus, mesmo sentindo dores e estando diante da morte, nega a “oportunidade” que é posta a ela de morrer, fazendo sua escolha pelo viver: “[...] – Quero a oportunidade para descobrir o 51, 52, 53, 54, 2024, 2025, 2026, 2027... O que vai acontecer com o mundo?” (Viana, 2020, p. 85).

Revela-se, nesse sentido, que, mesmo onde há sofrimento, ainda perdura a esperança e a vontade de existir, pois, conforme Harari (2020, p. 47), “O mundo moderno foi moldado pela crença de que os seres humanos podem ludibriar e vencer a morte”. Essa convicção, no entanto, não se concretiza na narrativa e a escolha da personagem não é respeitada, uma vez que, em consonância com a lógica divina subjacente no conto, não lhe cabe estabelecer as regras do jogo. Ao ser questionado sobre “O que vai acontecer com o mundo?” (Viana, 2020, p. 85), sua resposta é “Sei apenas que farei muitas visitas” (Viana, 2020, p. 86), representando a única certeza de nossas existências – a de que um dia a morte baterá à nossa porta, sem nenhum aviso ou convite, pois, segundo a figura representativa da morte: “– Tudo acontece no seu tempo e conforme a necessidade” (Viana, 2020, p. 85). Diante dessa perspectiva, Žižek (2020) identifica que:

[...] a epidemia viral nos lembra do caráter em última instância contingente e desprovido de sentido de nossa vida. Não importa quão magníficos são os edifícios espirituais que nós, a humanidade, somos capazes de produzir, uma contingência natural estúpida como um vírus ou um meteoro pode acabar com tudo de uma só vez... (Žižek, 2020, p. 39).

Essa afirmação nos alude à fragilidade de nossa existência e da ilusão de controle que muitas vezes temos sobre ela. A oportunidade de vida que a personagem deseja, a chance de descobrir o que acontecerá quando ela estiver com 51, 52, 53 anos... é anulada de forma abrupta e aleatória por eventos que estão além do controle humano. Atrelado a essa ótica, em concordância com a Teoria do Caos, tudo o que constitui um sistema dinâmico sofre uma instabilidade que nos impede de realizar possíveis previsões, como foi o caso da pandemia do novo coronavírus, que, a partir do contato entre um morcego e um habitante de Hubei, sucedeu na migração de uma partícula viral até então apenas encontradas em animais, causalidade que infectou uma pessoa e essa transmitiu o vírus a outros de seu convívio; o resultado foi uma infecção e transmissão em massa que atingiu todo o mundo. Assim, a pandemia da Covid-19 é um exemplo de evento que faz-nos reconhecer que, “Qualquer desvio, por mínimo que seja, causa grandes mudanças na linha dos acontecimentos” (Serrano, 2021, s/p.), pois “Estamos todos conectados e ninguém está no controle” (Zakaria, 2021, p. 166).

O conflito dramático conclui-se, em sequência, com o momento em que a personagem aceita seu destino, concretizando a incumbência do ser representativo da morte, marcando o estágio da aceitação nas cenas finais da narrativa: “– Bom dia. Não precisa me tocar. São as

regras./ – Poderia quebrar as regras. Sigo incansável. Dia cheio, muitas visitas. Bom descanso” (Viana, 2020, p. 86). A partir desse trecho cria-se a imagem da aceitação marcada pela passividade da personagem, provocando a sensação de um “contentamento descontente” ao perceber que não havia mais o que fazer, já tendo questionado, argumentado, negociado com a morte, e tais esforços não obtiveram o efeito desejado – dificilmente ganhamos conflitos que contrariam a ordem natural; fato que nos leva a entender que “[...] a personagem trágica, na demiurgia do autor dramático, não é concebida para vencer, não obstante lute agonicamente contra uma força maior que pesa sobre ela” (Brandileone, 2021, p. 35).

A estrutura linguística e a instância narrativa, que estabelece o fechamento de “Aportar para o descanso”, rompem com o padrão empregado até este ponto no conto. A focalização da narrativa passa do “modo dramático” para “narrador protagonista” no último trecho da história, o que modifica o tipo de discurso até então empregado – do direto para o indireto – introduzindo a instância do narrador em primeira pessoa: “O relógio parou. O despertador não tocou. Preciso trocar as pilhas” (Viana, 2020, p. 86), suscitando um final amplo em conclusões; cabendo ao leitor, por meio de seu horizonte de expectativas, possíveis interpretações: a personagem desperta de um sonho? Ela já se encontra em um plano distinto, porém ainda não tendo plena consciência dessa transição?

Sonho ou realidade, fato é que conseguimos concluir ao final deste conto o seu sombreamento determinista, pois nota-se a verve ideológica de que tudo foi determinado por causas anteriores; o destino trágico da personagem, dessa forma, foi desencadeado pelas “leis naturais” que comandam o universo, visto que: (1) há uma cadeia causal dos acontecimentos: vírus - infecção - pandemia - morte; (2) há uma força natural: a morte sob o encargo de algo maior, uma figura que conhece o destino – ou o horário do fim – de cada um; (3) há um evento determinado: que é o momento da morte da personagem, além de o ser representativo da morte afirmar que “– Tudo acontece no seu tempo e conforme a necessidade” (Viana, 2020, p. 85); e (4) há uma inevitabilidade e ausência do livre arbítrio: dado que a personagem não poderia fazer nada para deter a morte. Quem decidiu quanto tempo de vida restava a ela? Quem percebeu e determinou a necessidade atual da personagem? Notamos que a morte, sob o encargo de algo ou alguém, no “momento certo”, se encarrega dessas questões por nós.

MARCAS DA ESCRITA CONTEMPORÂNEA

Múltipla, plural e diversificada são os sinônimos que melhor definem a escrita contemporânea; definições essas que contribuem para o grande desafio da crítica literária atualmente: estabelecer diagnósticos diante dessa literatura a qual se define pelo seu caráter heterogêneo. Como definir recorrências significativas dessa produção se desde os temas até os aspectos estruturais das obras não compartilham um encadeamento que os associam? Resende (2008), identifica *três constantes* presentes nas narrativas do final do século XX que decorrem dessa multiplicidade, “[...] que é de gênero, de temas, de imagens, de suporte e de outros mecanismos mais [...]” (Brandileone, 2013, p. 18) – a presentificação, o *páthos* trágico e a violência.

Considerando que esses elementos compõem o *corpus* deste artigo, nota-se a presentificação – isto é, uma marca da literatura contemporânea que concentra-se no “aqui e agora” e explora, em conjunto, experiências, subjetividades e questões atuais – por meio de quatro indicações. A primeira delas (1) *fragmentação do ficcional*: a pandemia e a morte da personagem mimetizada no conto rasuram o âmbito ficcional da literatura, atestando que “[...] a obra literária assimila o contexto histórico em que se produziu” (Brandileone, 2013, p. 22). Coincidentemente, como informação extratextual apenas, a narrativa acaba por reproduzir algo que aconteceria com o próprio autor, Paulo André Viana, que faleceu em consequência da infecção por Covid-19 em 2021.¹

Interessa-nos registrar que essa fragmentação ficcional revela-se como uma marca do contemporâneo, por meio da presentificação, uma vez que nota-se nos escritores a urgência em compreender e expressar o presente antes de projetar futuros ou revisitar o passado de forma elaborada (Resende, 2008), como se vê em:

- Desde o dia 14 de março que o tempo parou, esticou, endoidou, alguma coisa aconteceu com o tempo. Tem dias que ele é veloz como um bicho procurando vida. Às vezes emperra, estanca, paralisa o corpo e os pensamentos.
- É a quarentena. (Viana, 2020, p. 82).

¹ “Morre, de Covid-19, o ator e diretor teatral Paulo André Viana”. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/bom-dia-pe/video/morre-de-covid-19-o-ator-e-diretor-teatral-paulo-andre-viana-9719917.ghtml>.

É evidente, também, que a escolha de cenas em oposição aos sumários faz dessa narrativa algo mais próximo ao cotidiano, dado que, segundo Resende (2008), a presentificação reflete-se na (2) *forma literária*: textos curtos ou fragmentados que correspondem à rapidez e à simultaneidade do tempo contemporâneo. Neste conto, assim como em outras narrativas atuais, há uma busca por impacto imediato, que se adequa à atenção dispersa e às demandas de instantaneidade do público contemporâneo; a narrativa, em forma de diálogo, reforça essa característica. Viana (2020) consegue mimetizar a realidade de um período histórico específico, evitando uma representação superficial. Essa complexidade é alcançada por meio do uso de imagens e metáforas relacionadas à vida e à morte, bem como pelo emprego de palavras como “orientações”, “regras” e “sair/partir (de casa)”, que adquirem sentidos distintos a depender da perspectiva da personagem que as utiliza. Quando empregadas pela personagem que simboliza a morte, tais palavras remetem a orientações e regras de natureza divina: “É a minha função. Sigo as orientações” (Viana, 2020, p. 83); enquanto a ação de “sair de casa” funciona como eufemismo para o próprio ato de morrer: “Vamos. Me dê a mão. Precisamos partir” (Viana, 2020, p. 82). Por outro lado, quando usadas pela personagem em quarentena, o mesmo léxico é ressignificado, assumindo o sentido literal de cumprir orientações médicas voltadas à prevenção contra a Covid-19: “Estou tomando todos os cuidados necessários [...] - Prevenção. Sigo as orientações médicas [...]” (Viana, 2020, p. 82); nesse caso, o ato de “sair de casa” refere-se ao deslocamento físico em seu sentido cotidiano: “- Já me viu, pode sair” (Viana, 2020, p. 81); “- Sair com você? Eu nem te conheço” (Viana, 2020, p. 82).

Esses elementos reafirmam a tese de que, na Literatura Contemporânea, há uma escrita inovadora, que, neste conto, se dá pelo tratamento concedido à temática da morte, que, apesar de velha matéria sobre a qual a literatura se debruça, é explorada e construída de modo diversificado no conto analisado, comparada às outras representações da morte em textos literários com o enfoque pandêmico, pois nele a morte não é um elemento restritivamente simbólico, mas também atua no universo dos fatos, sendo uma força, paradoxalmente, um ser vivo. Resende (2008) destaca que a escrita inovadora na produção contemporânea é marcada pela experimentação criativa, por meio de uma escrita cuidadosa, na qual a imaginação e originalidade se aliam a uma abrangente intertextualidade com a tradição literária. No conto, nesse sentido, pode-se destacar a alusão aos mitos clássicos, os quais construíram e

representaram a figura da morte, uma vez que, similarmente, temos uma entidade (a personagem) que busca e conduz as almas em direção a um plano distinto, o que nos remete à figura de Caronte na mitologia grega, quem transportava as almas dos mortos através do rio Styx. Observa-se, também, em referência à alusão do repertório dessa memória literária, o confronto da personagem com um destino predisposto, relacionando-se às tragédias e heróis clássicos.

Percebe-se, também, considerando-se as proposições de Resende (2008), uma terceira indicação da presentificação que, junto à *fragmentação ficcional* e à *forma narrativa*, resultam em uma (3) *diversidade da composição textual*, tendo em vista que o conto atravessa os gêneros narrativo e dramático e se direciona à pessoalização da narrativa, o que novamente rasura os limites entre o real e o ficcional, considerando que a construção textual em primeira pessoa e o discurso direto aproximam o leitor dos fatos cotidianos desses sujeitos, ao priorizar o tempo corrente da ação – utilizando o narrador de grau zero, devido a sua opção pelo “mostrar” em contrapartida ao “contar” –, rompendo com o elemento propriamente narrativo ao longo do texto, com exceção das últimas linhas.

Ainda, nota-se outra marca, que é (4) a da *heterogeneidade do suporte* no qual o conto foi divulgado, primeiramente, pois ele foi finalista no concurso literário em formato *on-line* realizado em abril de 2020 pela editora responsável da TV 247² e posteriormente compôs a coletânea *Contos da Quarentena* (2020), da Editora Kotter, demonstrando que, em um momento no qual as atividades presenciais foram restritas, novos escritores e editoras migraram para o ambiente virtual, crescendo o número de publicação de *e-books* e de textos independentes em redes sociais.

Portanto, em consonância aos textos que mantêm o foco no presente, ao figurar personagens e cenários que são retratos da contemporaneidade, essas quatro marcas, indicativas da escrita do presente, nos levam à segunda e, conseqüentemente, terceira constante postulada por Resende (2008), uma vez que a pandemia, o aspecto do real, conduz a narrativa em direção ao seu *caráter trágico*, marcando o fatal fechamento da história e se relacionando com a violência presente no conto, sinalizada pela imposição da morte perante a vontade de viver da personagem: “– Bom dia. Não precisa me tocar. São as regras./ – Poderia quebrar as regras. Sigo incansável. Dia cheio, muitas visitas. Bom descanso” (Viana, 2020, p. 86).

² “Concurso ‘Contos da Quarentena’, do 247, divulga 68 finalistas”. Disponível em: <https://www.brasil247.com/cultura/concurso-contos-da-quarentena-do-247-divulga-68-finalistas>.

Ao explicitar esses aspectos do contemporâneo no discurso literário de “Aportar para o descanso”, direciona-se nosso olhar à presença do trágico, que se figura de duas formas: o trágico social e o pessoal (Williams, 2002). Não se pretende aqui formular um tratado sobre a presença do trágico na literatura de hoje, mas sim considerar que a noção de trágico sobreviveu até os dias atuais e se reformulou diante das novas dinâmicas sociais, não deixando de lado, entretanto, os conceitos da tragédia grega: “Se pensarmos no contexto contemporâneo, percebemos que o herói da tragédia, o rei, o íntimo dos deuses, já não existe. O herói hoje é a pessoa comum, cujo destino e culpa se confundem com o destino e com a culpa do outro” (Barros, 2018, p. 41), constatação essa que se relaciona com a pessoalização e, por isso, com a presentificação da narrativa aqui analisada. Sabe-se, ainda, que o conceito de trágico contém um amplo leque de definições, que vão desde um sentido mais comum como “esse texto é trágico porque representa a morte, o sofrimento, a tristeza”, a significações que se relacionam com a história, política e consequentemente, ideologias (Williams, 2002).

Referindo-se aqui à tragédia como “[...] o conflito entre um indivíduo e as forças que o destroem” (Williams, 2002, p. 119), menciona-se a subcategorização “tragédia social” como a tragédia em que os eventos trágicos emergem das estruturas sociais, políticas e econômicas; os conflitos e o destino trágico dos personagens são moldados por forças sociais maiores. Certamente, podemos constatar que o contexto e a ambientação pandêmica expressos no texto representam uma tragédia social, uma vez que essa circunstância “[...] colocou em suspensão todas as atividades sociais e econômicas na totalidade dos países, [e] transformou de forma radical *formas de vida* e de *sociabilidade* [...]” (Birman, 2021, p. 14).

Ainda, por meio de medidas políticas equivocadas, o discurso econômico em direção oposta ao discurso da vida e declarações anticientíficas contribuíram para o vírus se proliferar e resultar em uma tragédia social, elementos esses os quais leva-nos a concluir que “Surtos são inevitáveis, mas pandemias são opcionais”³ (Brilliant, 2020 *apud* Zakaria, 2021, p. 35). Zakaria (2021, p. 18-19), a propósito, inclui a pandemia de Covid-19 como o terceiro choque assimétrico⁴ da sociedade contemporânea, sendo o primeiro o Onze de Setembro e o segundo a crise

³ “Outbreaks are Inevitable, But Pandemics are Optional”. Publicado pelo canal Long Now Foundation, Youtube, 6 mar 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nVWoHmURDTQ&ab_channel=LongNowFoundation. Acesso em: 22 mar. 2024.

⁴ “[...] coisas que começam pequenas, mas acabam enviando ondas sísmicas para o mundo inteiro” (Zakaria, 2021, p. 18).

financeira de 2008; e a pandemia resultando, talvez, “[...] [n]o maior de todos e é, com certeza, o mais global”.

Embora a tragédia pessoal se concentre nas questões internas e experiências individuais dos sujeitos, essas experiências são moldadas pelo contexto social e histórico em que estão inseridas. Assim, com o suporte da tragédia social desencadeia-se a tragédia pessoal sofrida pela personagem retratada no conto, levando em consideração que, “Na tragédia dos tempos modernos, é a própria sociedade, que sacrifica as personagens, obrigadas a enfrentar mazelas como a miséria e a exploração [...]” (Barros, 2018, p. 43).

Ao entender que o trágico pessoal se desenvolve a partir das tensões internas das personagens, como seus posicionamentos, medos, desejos... observa-se no caso da personagem de “Aportar para o descanso” que ela enfrenta a consequência mais temível do contágio do vírus: a morte; indicando que “[...] as obras literárias, a partir das situações narrativas vivenciadas pelos personagens, mimetizam, de forma geral, uma luta contra a qual não se vence” (Brandileone, 2021, p. 35), já que o destino determinista e, por isso, trágico, assinala a tragédia pessoal deste conto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Da mesma forma em que muitos estudiosos dissecaram as diversas áreas afetadas pelo vírus da Covid-19, a literatura, como expressão da experiência humana, retratou a pandemia do novo coronavírus expondo também a tragicidade desse período. A presença da morte, do sobrenatural, do vírus, revelando tempos obscuros, tempos em que se cessa a esperança, faz reconhecer que “[...] o *páthos* trágico [...] deixa suas marcas nesta escrita que toma como matéria-prima a pandemia e seus impactos nas dinâmicas social, política, econômica, cultural, no cotidiano e na subjetividade do indivíduo” (Brandileone, 2021, p. 34).

Entretanto, mesmo com todos os efeitos trágicos causados pela pandemia do vírus da Covid-19 na sociedade e no íntimo das pessoas, ainda podemos aprender algo com isso. Em um de seus ensaios sobre o novo coronavírus, Harari (2020) defende a tese de que, em épocas anteriores, as mentes mais destacadas da humanidade se dedicavam à compreensão do fenômeno da morte, na tentativa de dar a ela um sentido; hoje, entretanto, as mais proeminentes mentes direcionam seus esforços para estender a duração da vida, e a Covid-19 veio para alavancar essa tarefa. Zakaria defende que nosso mundo é resiliente; somos seres inovadores,

engenhosos, e diante do mundo em que habitamos, demonstramos uma surpreendente capacidade de adaptação: “Vivemos eras glaciais e pestes, guerras mundiais e revoluções, e ainda assim nossa espécie sobreviveu e prosperou” (Zakaria, 2021, p. 34).

Sob esse ponto de vista, entende-se que ainda há esperança, visto que as bases as quais orientam as tragédias sociais são os motes de ordem e desordem social; portanto, essa constante é sempre um processo cíclico e, se estivemos durante a pandemia presos na desordem, agora, com a ajuda da ciência, estamos rumo, mais uma vez, à ordem, que chega por meio de nossa resiliência e capacidade de se moldar e agir perante a escuridão.

REFERÊNCIAS

BARROS, Silvia da Silva Freire. *O belo trágico na literatura brasileira contemporânea*. 2019. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/25/teses/889893.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva (Org.). *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: Annablume, 2013. p. 17-33.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desdobramentos da pandemia da COVID-19 e o radar da produção literária brasileira contemporânea. *Revista Crioula*, São Paulo, [S. l.], n. 27, p. 14-39, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/199090>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FRANCO JUNIOR. Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, p. 36-37.

HARARI, Noah Yuval. *Notas sobre a pandemia e breves soluções para o mundo pós-coronavírus*. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido. Operadores de leitura do texto dramático. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, p. 103.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da Literatura Brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

RESENDE, Beatriz. Possibilidades da escrita literária no Brasil. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÒ, Ettore (Org). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 09-23.

SERRANO, Carlos. Entenda a teoria do caos e o efeito borboleta, que ajudam a explicar o Universo. *Folha de São Paulo*. 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2021/12/entenda-a-teoria-do-caos-e-o-efeito-borboleta-que-ajudam-a-explicar-o-universo.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2023.

TV Brasil 247; Kotter Editorial (Org.) *Contos da quarentena*. volume 1. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

VIANA, Paulo André. Aportar para o descanso. In: TV Brasil 247; Kotter Editorial (Org.) *Contos da quarentena*. volume 1. Curitiba: Kotter Editorial, 2020, p. 81-86.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia Moderna*. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosacnaify, 2002.

ZAKARIA, Fareed. *Dez lições para o mundo pós-pandemia*. Tradução de Alexandre Raposo, Bruno Casotti, Flávia Rössler e Jaime Biaggio. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

AUTORIA

Maria Eduarda Oliveira de Souza é graduanda em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP-CCP); bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) vinculado à Fundação Araucária (2022-2024); e estudante no grupo de pesquisa Crítica e Recepção Literária (CRELIT).

Vanderléia da Silva Oliveira tem Pós-doutorado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Doutora em Letras, na área de estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, pela UNESP-Assis/SP. Especialista em Literatura e o ensino de Literatura, pela UNESP-Assis. Professora Associada do Centro de Letras, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, campus Cornélio Procopio, e líder do grupo de pesquisa CRELIT. Atua como docente do Programa de Pós-Graduação no PROFLETRAS-UENP, na área de Literatura e ensino. Ocupou o cargo de Pro-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação na UENP, gestão 2018-2022. Atualmente é Diretora Geral do campus Cornélio Procopio - gestão 2022-2026. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, principalmente nos seguintes temas: educação literária, literatura brasileira, história e crítica literária, narrativa brasileira contemporânea.